variantes da destituição subjetiva: suas manifestações, suas causas – aula 2

COLETTE SOLER

EU ESPERO que falar um pouco de destituição subjetiva fora de análise vá nos permitir entender melhor o que Lacan procurou dizer com essa noção. O ponto no qual insisti é que a destituição subjetiva é o que vou chamar de "postura do ser". Vou empregar essa expressão para não dizer mais uma vez: "uma posição ética". Então, no fim da análise, há uma postura na qual, digamos, o analisante sabe alguma coisa do destino que lhe faz o inconsciente, e ele consente nisso, ele cede a isso. Poderíamos dizer isto de outra forma, com a expressão de defesa, para tomar um termo freudiano que Lacan reutilizou, repensou. É uma queda da defesa subjetiva que lhe permite admitir a sua equivalência ao objeto e fazer algo com isso *(faire avec)*.

Eu queria lembrar o que Lacan achou bom dizer em 1969. A destituição não faz *des-ser* — Lacan utilizou várias vezes a palavra *des-ser* — a destituição não faz *des-ser*, ela faz seres singulares e fortes.

Lacan tenta ilustrar posturas de destituição. A primeira que ele propõe, ele propõe imaginar, ele diz: imaginem o homem da Belle Époque na mobilização da guerra moderna. Isso é a ilustração do que seria um sujeito destituído. O homem da Belle Époque – talvez essa seja uma expressão muito francesa –, designa, grosseiramente, o homem dos 1900 na Europa, quer dizer, entre as duas guerras, a guerra de 1870 entre os dois inimigos hereditários, Alemanha e França, e a guerra de 1914. Então, imaginem esse homem que não conhecia as armas da guerra de quatorze e que fosse agora mobilizado para o Afeganistão, por exemplo. Vemos bem o que isso designa: um sujeito chamado por um discurso, por um laço social, que o ultrapassa totalmente e do qual ele não conhece os instrumentos. Discurso este que, apesar disso, o empregaria e utilizaria. Isso seria uma posição de destituição subjetiva, um sujeito levado por uma convocação que está bem além de suas possibilidades. Lacan acrescenta que a imaginação da destituição subjetiva é o que faz o futurista, quer dizer, todos aqueles autores que se

empenham em imaginar, de forma fictícia, mundos futuros nos quais a singularidade estaria erradicada e onde cada um não passaria de um peão ultrapassado pelos comandos do Outro. Eis o futurista imaginando as futuras destituições.

Lacan evoca também os publicitários, que se servem, no fundo, da ficção de um sujeito feito em objeto. Finalmente, chega a dois exemplos bem precisos de destituição subjetiva, vocês os conhecem, são aqueles do personagem do *Guerreiro aplicado*, no romance de Jean Paulhan, e o outro exemplo é do próprio Lacan, em janeiro de 1964, isto é, um mês depois que foi pronunciada a Circular de Estocolmo, que o excluía da IPA. Em que, então, este é um exemplo de destituição subjetiva? É instrutivo para responder a essa questão. Lacan o evoca duas vezes. Inicialmente, na primeira lição do Seminário sobre os quatro conceitos, que começa em janeiro. Aí ele apresenta como a versão cômica, não empregando a palavra destituição. Depois ele volta a evocar isso em 1969, em seu Discurso à EFP, mais explicitamente.

O que o autoriza a considerar que estava na posição de sujeito destituído? É muito preciso. Lacan sabia que acabava de ser negociado como um objeto, isto é, para dar uma pequena precisão histórica, ele sabia que um certo número de seus alunos, como dizia, tinha negociado com a diretoria da IPA para obter sua própria admissão mediante o fato de se separar de Lacan. É o que ele chama de ser negociado.

O que nos interessa, neste momento, é que isso nos dá uma idéia precisa do que Lacan chama de destituição. É saber que se é tratado como um objeto. Aqui, evidentemente, é uma destituição que não é o resultado da elaboração de um tratamento. É a destituição que acontece no real, na realidade em todo caso, mas que não deixa de ter ligação com a psicanálise, bem entendido, já que é a demonstração de que os ensinamentos de Lacan, sua prática, a prática que acompanhava seus seminários, eram inassimiláveis por uma comunidade, no caso, a da IPA.

Então, o Outro destituinte aqui não é o inconsciente do sujeito, é o Outro Institucional, digamos. E qual é a postura do ser que Lacan exemplifica no caso? Ele define, com uma pequena nota cômica, que é preciso saber que se está sendo negociado. Mas, sobretudo, o que ele não diz, mas que nós constatamos, é que ele prossegue em seu caminho. Três semanas após a exclusão, Lacan já dá prosseguimento a seu *Seminário*. Ele dá o exemplo, sem nenhum exagero e nenhuma queixa, de um sujeito que, corajosamente, não cede em relação ao desejo que sustenta o seu projeto de ensino, projeto que havia

começado bem antes. Nesse sentido, ele ilustra um sujeito a quem nada detém. Isso não acontece sem que se evoque, curiosamente, o que ele dizia alguns anos antes, no Seminário sobre a ética, a propósito da tragédia antiga. Ali ele tentava definir o herói antigo como aquele que pode ser impunemente traído — o que quer dizer que a traição não o detém.

Isso evidencia que entre o Seminário sobre a ética e o Seminário de 1964 há um fio contínuo, apenas não se está mais naquela nota do herói trágico, mas, sobretudo, no cômico da destituição. Poderíamos dizer, o próprio Lacan já o evocou de outra maneira, que é uma forma do "não quero saber nada disso". Cada sujeito tem uma forma desse "não quero saber de nada" que lhe é particular. Vemos, nesse exemplo, um sujeito que não quer saber de quê? Eu diria: das conseqüências pessoais, da aritmética dos benefícios, dos cálculos imediatos. Aqui os cálculos imediatos tinham a ver com os pacientes.

O outro exemplo é o do *Guerreiro aplicado*. Para esta ocasião, reli o texto de Paulhan (não sei se esse romance já foi traduzido para o português), e, com a diferença de vinte anos, pareceu-me que é um romance que já passou um pouco de moda. Mas, justamente relendo-o agora, percebi no personagem uma postura que é de época, que não é nem um pouco de hoje. O guerreiro aplicado é um jovem no momento da guerra de 1914, a guerra que fez a virada do século XX para a Europa, e ele tem uma posição subjetiva muito definida a respeito dessa guerra, que se pode apreender por oposição. Ele não tem nada de patriota, não é nem um pouco um militante do patriotismo, também não é um pacifista; é tão estranho às manifestações pacifistas quanto aos entusiasmos dos militantes do patriotismo; e no fim é convocado pelo Outro da guerra, responde presente, sem entoar o coro do belicismo, que era muito forte no momento da guerra de 14, na França, sem cair no clamor dos vitimistas e também sem nenhuma tentação de deserção, isso nem precisa ser dito.

Então, poderíamos dizer, será que é um fatalismo? É um sujeito, em todo caso, que enfrenta a situação para a qual foi chamado e com a qual ele não tem nada a ver, não tem culpa, o que nos faz dizer que não é um fatalismo, é que se percebe no personagem uma espécie de — eu não quero dizer um tipo de pulsão, mas é quase — de ir ver o que é a guerra, aproximar-se daquele real e olhá-lo de frente. O que é surpreendente é que ele o faz sem nenhuma discussão sobre o valor da guerra, sem se perguntar se é uma guerra justa ou injusta, se ele vai fazer o mal ou o bem e, no fundo, toma a guerra um pouco como um

nome do real, de um real, e vai lá ver. Isso para dar a vocês a idéia de sua posição.

E, finalmente, Lacan nos diz: "eis aí um exemplo de uma destituição subjetiva", e acrescenta, "em sua salubridade". Bem, ao fazer referência a esse salubre, de que doença ele se curou? Evidentemente, é um sujeito que está fora, que não é sujeito da questão. Sem questão, sem tergiversação, sem protestos, ele vai ver o que é a guerra. Eu disse que era uma postura de época, datada. Reencontra-se um pequeno exemplo do mesmo gênero em um texto de Jünger (Ernst), não sei se vocês conhecem Jünger, especialmente um texto chamado *Tempestade de aço*, que também é um romance escrito depois da guerra de 14 por um sujeito que tem uma postura muito próxima a esta: quando há um real que pode ser atroz, ele vai mesmo assim.

Eu disse que era fora de moda porque, hoje, por exemplo, os discursos em relação ao real da guerra são muito diferentes disso. Isso não tem nada a ver, por exemplo, com a postura de um kamicase. Não sei o que se pode dizer dos kamicases atuais. De fato, os kamicases atuais não são exatamente isso. Por uma estranha ironia da história, parece muito bem que eles realizam a aposta de Pascal. Pascal que, em sua aposta, dizia que valeria sacrificar uma vida para se obter uma infinidade de vidas que Deus nos asseguraria. O que se lê nos livros dos kamicases, segundo a imprensa, é exatamente isso: sacrifique sua vida e você terá a infinitude da vida no além. Isso não é destituição subjetiva, isso é a aritmética dos benefícios para o sujeito.

Avancemos um pouco para ver, a partir dos exemplos de Lacan, o que é destituinte nos outros discursos além do discurso da análise. Há uma destituição que vem da ciência, há uma que vem da política, da economia também, e ainda uma que vem do sexo e que não é um discurso exatamente. Quanto à destituição produzida pela ciência, é preciso ver o que Lacan entende por isso, porque, por outro lado, ele deixa evidente que a ciência forclui[1] o sujeito. Creio que a destituição pela ciência não é a mesma coisa que a forclusão. A ciência forclui o sujeito porque tenta formular as leis do real. E desde que há uma lei do real, não há lugar para o sujeito, que é sempre uma singularidade, que tem a ver com a causa daquilo que não vai bem. É por isso que não há ciências humanas possíveis, porque a ciência, por definição, reduz o humano, reduz especialmente seu campo a um campo de legalidade, onde há a lei que reina, onde há fórmulas, regularidades. Podemos ver então como essa forclusão do sujeito volta ao campo da técnica.

[1] N.T. Durante a conferência, nesse momento, trava-se um diálogo entre o tradutor e a conferencista: "Mas eu não consigo dizer essa palavra sem saber o que ela quer dizer." *(Gargalhadas e palmas)* C. Soler: "Eu lhe felicito. Bom, após isso, poderíamos nos perguntar se não é uma recusa à destituição pelo vocabulário desconhecido."

Parece-me que Lacan fala de "destituição pela ciência" e evoca, a esse respeito, Oppenheimer. Vocês conhecem Oppenheimer, o sábio americano que foi o inventor da bomba atômica. Quando começaram as pesquisas para a bomba H, ele começou a se assustar com as conseqüências. E, então, ele foi destituído de suas funções na época do macarthismo. Em seguida, foi reabilitado e Lacan o evoca muitas vezes como a figura de alguém que compreendeu que a ciência destituía o humano. Isto é, que a ciência estando em marcha, nada pode detê-la. É como se houvesse um desejo que a habitasse e que nada pudesse detê-lo.

Temos o mesmo problema hoje, já não é mais a bomba H, não é Oppenheimer, mas é a clonagem e outras coisas do mesmo tipo. Mas é a mesma coisa, é que a ciência avança como um rolo compressor e os sujeitos que a colocaram em marcha são os mesmos que serão esmagados por ela. É assim que eu entendo a destituição pela ciência, não é a mesma coisa que a forclusão.

Passo rapidamente pela destituição no campo político, pois é evidente que, quando Lacan fala do guerreiro aplicado, já é uma destituição pela política. Há uma outra expressão, de que eu gosto muito, para designar essa destituição; Lacan fala da carne para o partido, que é o *baby sitter* da história. Uma forma de dizer que o discurso da história, da política, empurra os indivíduos sem levar muito em conta o que eles têm a dizer.

Podia-se falar também, já está desenvolvido em toda parte, na destituição pelo mercado. Mas é ambígua essa destituição pelo mercado, pois poderíamos dizer também que o mercado, no fundo, buscando fazer-nos consumir, tenta despertar nossos apetites, que é uma forma de desejo. Mas, ao mesmo tempo, o mercado obriga que cada um seja instrumento do mercado. É o regime do consumidor consumido. Desde a época de Marx, que dizia que o proletário só tinha seu corpo a oferecer, as coisas mudaram: graças à ciência, graças à técnica. Agora, o mercado consome menos os corpos que as competências. Mas isso não muda muita coisa.

Finalmente, a figura extrema da destituição no campo político talvez seja o que Primo Lévi — vocês conhecem Primo Lévi? — evocou a respeito dos campos de extermínio, na figura do que ele chama o "muçulmano", que não tem nada a ver com a religião muçulmana.[2] Giorgio Agamben retomou essa mesma noção do Primo Lévi, explicando o que designou com o termo "muçulmano": eu não ouso dizer sujeitos, mas indivíduos que estavam de tal forma aniquilados, que não lhes restava nem

[2] N.E.: Segundo Giorgio Agamben, designavam-se por «muçulmanos» aqueles que, nos campos de extermínio nazistas, se deixavam morrer de desespero ou pavor.

mesmo a possibilidade da revolta, nem sobrevivência vital, e nem mesmo a possibilidade de serem testemunhas. A idéia de Agamben é de que essas pessoas eram testemunhas do que é uma destituição absoluta, uma destituição que vamos chamar de real, ou que se produz no real, se preferirem.

Esses exemplos nos fazem entender que a destituição do passe permanece no simbólico, não se passa completamente no real, não extrai o sujeito da ficção da fala. Todas as destituições que eu evoquei até aqui são destituições provocadas pelos discursos, e vemos que, em todos os casos, há destituição cada vez que o sujeito é tomado como corpo, reduzido a seu corpo, e que ele não pode deixar de saber disso. Dito de outro modo, isso se faz acompanhar pela regência do Outro através do discurso.

Podemos dar mais um passo e dizer que o que destitui radicalmente o sujeito, para além dos discursos, é o próprio real. Mas ainda é preciso definir o real, porque é uma palavra que tem vários sentidos possíveis. Evoco aqui o real tal como Lacan utiliza o termo no final dos seus ensinamentos, no momento em que ele utiliza o esquema do nó borromeano. Enfim, Lacan dá uma definição de real que é, ao mesmo tempo, radical, simples e impecável nessa ocasião — não é o real como impossível, é o que ele chama de real fora do simbólico, o que quer dizer também fora do sentido. No fundo, o que há no real fora do simbólico? Há corpos, viventes, gozo, porque Lacan diz que o que há nesse campo são apenas as ciências da vida que tentam avançar.

No final, como esse real pode se apresentar para um dado sujeito? Ele não se apresenta pelo discurso, apresenta-se pela *Tyché,* pelo encontro. Então, essas aparições para o sujeito são improgramáveis. Falei das destituições programadas pelos discursos. O real não programa as destituições. Fora do simbólico não há nenhum programa, mas isso pode cair em cima de qualquer um e surpreender.

Mas, no fundo, isso se apresenta como e quando? Nas catástrofes ditas naturais — naturais quer dizer sem o Outro, os sobressaltos do real que, de alguma forma, esmagam os vivos, e tenho sempre em vista a imagem, pois o real fora do simbólico não é necessariamente sem imagens. Tenho essa imagem de quando houve grandes inundações na Colômbia e tive contato com a imagem de toda a lama que avançava, inexoravelmente, e de uma menininha, sozinha sobre um promontório, que ia ser levada pela avalanche. Esse é o real que varre a criatura. E depois há outras formas, pode-se lembrar o terremoto de

Lisboa, que foi uma comoção para o século XVIII, e começou-se a perguntar o que Deus tinha com isso, todas as luzes da época se questionaram sobre onde estava Deus nesse acontecimento.

Será que há um Outro do real? Vocês podem observar que, atualmente, logo que há uma catástrofe, se começa a buscar o responsável. Até que eles têm razão, mas, na verdade, o que é isso? Busca-se um Outro para que seja responsável por esse real acidental. Mas não há só as formas catastróficas do aparecimento do real. O real fora do simbólico está ali cada vez que um gozo não subjetivável se apresenta. É por isso que a questão está em jogo no sexual.

Então cheguei a um aspecto das coisas que queria falar hoje. O afeto primeiro da destituição é a angústia. Isso não contradiz absolutamente o maníaco-depressivo da destituição no final da análise. A angústia, diz Lacan, é o afeto do real. Mais do que isso, permitam que eu diga, a angústia, em sua essência, é um momento de destituição subjetiva.

Talvez o Seminário sobre a angústia, esse magnífico seminário, não mostre muito isso, porque nele Lacan se interroga, sobretudo, em relação à estrutura do aparecimento da angústia, sobre o lugar, como ele diz, da angústia. Ele se interessa por isso especialmente porque esse lugar é o mesmo do objeto e esse Seminário lhe serve para elaborar o que é o objeto a. Se perguntarmos onde aparece a angústia, ou quando aparece a angústia, a fórmula "não há angústia sem objeto" nos permite responder: a angústia aparece ali onde o objeto é evocado, ainda que ele nunca apareça. Não tem imagem, não tem idéia. Entretanto, ele faz uma pequena corcova sobre o véu fenomenal que o esconde. O véu dos fenômenos, segundo Emannuel Kant.

Essa tese nos diz do lugar do aparecimento da angústia, mas não nos diz tanto o que é a angústia, o que é a essência da angústia. E, finalmente, são outras fórmulas de Lacan que nos permitem nos aproximar da essência da angústia. A angústia, diz ele, é o desconhecido como experimentado. Isso não responde à questão sobre onde está a angústia, mas responde à pergunta do que é ela. Ou, ainda, a angústia é o sentimento de se reduzir a seu corpo, acompanhado, diz ele, da horrível certeza. Essas expressões efetivamente nos indicam que a angústia é um momento de destituição. Destituição que vamos chamar de selvagem, por oposição à destituição programada pelos discursos. Selvagem, não didática, porque ela pode reproduzir-se, mas não instrui o sujeito, ela o assusta repetidas

vezes. Eu disse "o momento" porque a angústia não dura. Falo de verdadeiras angústias, não de ansiedades latentes, isso é outra coisa. E, no fundo, talvez poderíamos dizer, de forma mais justa, para termos o elemento temporal da angústia, que ela é o sentimento de uma redução iminente ao objeto.

Nesse sentido, talvez a angústia seja um fenômeno *borderline* Por essa razão é que a angústia, na verdade, é um sentimento de alcance ontológico para o sujeito. De Pascal a Heidegger, passando por Kierkegaard, todos os filósofos perceberam isso. É um afeto que tem um alcance ontológico porque é a consciência de se reduzir a um objeto. É um sentimento que diz respeito àquilo que somos. Agora, poderíamos talvez dar mais um passo, já que o objeto em questão, o objeto a, como diz Lacan, está implicado em todas as formas de gozo.

Finalmente, não há o gozo, há gozos, e todos condicionados pelo objeto. Donde a questão que me coloquei: como a angústia se liga às diferentes formas de gozo? Mais precisamente, com as três formas que Lacan acabou isolando: isso que ele chama *jouis-sens* — gozo do sentido —, o gozo fálico e o gozo do Outro. São três gozos que ele escreve em seu nó borromeano. Poderíamos certamente nos perguntar sobre o caráter mais ou menos destituinte desses gozos e então mais ou menos angustiantes. Creio que hoje tenho que ir bem rápido com isso por causa do tempo, e isso poderia demandar um desenvolvimento bem longo. Finalmente, o gozo do sentido e o gozo fálico não são destituintes. O gozo do sentido, ao contrário, é realmente um gozo sujeito, um gozo que se produz entre simbólico e imaginário, que não é, em si mesmo, angustiante, que joga com representações, principalmente com representações do corpo, e isso quer dizer mesmo que é o gozo que se convoca contra o real. É o que se faz na psicanálise. Quando um sujeito encontra qualquer coisa que, para ele, vale como real, isto é, que para ele é verdadeiramente insuportável, ele entra na transferência e faz apelo ao "Sujeito suposto Saber", que é suposto saber dar sentido, em primeira instância.

Fala-se muitas vezes da psicanálise lacaniana como a ultrapassagem do sentido. São os lacanianos que falam assim. Essa ultrapassagem se funda na medida em que , efetivamente, há a idéia de se atingir alguma coisa de real. Mas nenhuma psicanálise pode "curto-circuitar" o sentido, porque o recurso ao "Sujeito suposto Saber" é o recurso ao sentido. Há certas formas da angústia que são ligadas ao sentido, é que se pode desenvolver muito os sentidos, o sem sentido é irredutível — sem sentido da vida, sem sentido do real, sem sentido...

No que diz respeito ao gozo fálico, o gozo fálico é finalmente o gozo maquinado pelo significante, organizado pelo significante. É então o gozo que tem a mesma estrutura que o significante. É o gozo do Um, quer seja o um do corpo, o um do órgão fálico, e, mais geralmente, o um do poder. É por isso que Lacan, em certo momento, resume e diz que o gozo fálico é o gozo do poder em todos os níveis, seja no nível sexual ou no nível político. Então, o gozo fálico não é de forma alguma destituinte. É até o único gozo que pode ser instituinte do "eu" (*je*).

Evidentemente, o gozo fálico é correlato da angústia. É a angústia que Freud descobriu, a angústia fálica que, na verdade, se desenvolve entre dois extremos: a angústia da impotência em todos os níveis da vida, não somente sexualmente falando, e também a angústia do sucesso, pois constatamos que, curiosamente, o sucesso angustia alguns sujeitos. A angústia fálica é a angústia de um sujeito que está na iminência de ser destituído de seu poder. Não é uma destituição subjetiva, é a perda de um poder, seja ele qual for. O verdadeiro gozo angustiante e destituinte é o gozo que Lacan descreve como o gozo do Outro, isto é, um gozo que é fora do simbólico, um gozo que é sem representação e que surge eventualmente no corpo.

Vemos, por exemplo, a que ponto isso foi evocado em Cerisy, no Colóquio de Cerisy, uma homenagem a *Lacan no Século*, quando a arte barroca foi mencionada. A arte barroca é o contrário do gozo do Outro. Ela é totalmente tomada no gozo do sentido. Mais simplesmente, a arte barroca é uma exibição de corpos em gozo, diz Lacan. Porém, eles são representações do gozo, é, como ele diz, uma regulação pela escopia corporal. Isso evoca o gozo, mas um gozo apreendido, capturado nas armadilhas das formas do corpo.

Quando se fala do gozo do Outro, é um gozo para o qual não há nenhuma representação. É por isso que Lacan pode perguntar-se pelo gozo da planta, sobre o qual não há nenhuma via de conhecimento; pelo gozo da ostra, que é um vivo que não fala, e pelo gozo do gato, que faz barulho, que ronrona, mas que não enuncia e não representa. O gozo do Outro — é preciso incluir aí, evidentemente, o Outro gozo do sexo, posto que há o lado feminino do gozo no nível do sexo. Tento evitar o termo "o feminino", que detesto, uma vez que ele pode querer dizer tudo e nada ao mesmo tempo.

Então, o gozo do Outro inclui todas as formas de gozo do vivente fora da representação, fora do simbólico. Isso é angustiante, isso é o real, não são só as catástrofes. É um gozo

fundamentalmente destituinte, que reduz o sujeito não somente a um objeto parcial, pois o objeto parcial pode articular-se na linguagem, mas que reduz o sujeito a um corpo vivo, um corpo que goza, sem localização de gozo. Já desenvolvi essa questão em outros lugares. O que há também no gozo Outro, enquanto ele entra em jogo na vida sexual, como se diz, é alguma coisa de profundamente destituinte. Evidentemente são as mulheres que carregam o peso disso, ao passo que os homens são colocados, de preferência, do lado do gozo fálico também no nível sexual.

O que eu chamo fator destituinte do gozo não é somente o que se diz algumas vezes, que, na relação sexual, o parceiro feminino está no lugar do objeto, o que, aliás, é verdade. Mas estar no lugar do objeto sempre tem um aspecto falicizante, e é bem por isso, aliás, que as mulheres, mesmo se queixando de serem objeto, se desesperam quando deixam de sê-lo. Isso é a clínica cotidiana. Quer dizer que não ser tomado como objeto é intolerável para certos sujeitos femininos, o que basta para provar o fator falicizante.

É bem diferente com o gozo Outro. Desenvolvi isso no texto que se chama "Os mandamentos do gozo". Ali há um fator que anula o sujeito e, no fundo, é como a angústia, isso se dá em uma estrutura temporal, não tem duração. Em todo caso, isso explica essa destituição pelo gozo. Essa destituição pelo gozo dá razão ao que Lacan diz em seu Seminário *Mais, ainda*, a saber, que as mulheres têm mais relação com o Outro que os homens. O que não quer dizer apenas que elas sejam Outro, mas, porque elas são Outro, quando elas são Outro, elas fazem apelo ao Outro. Esse Outro, quer seja o homem ou Deus, há nele um eixo, elas fazem apelo a ele justamente porque somente o Outro pode salvar da destituição. Então eu termino e espero lhes ter dado bem a idéia de que a destituição subjetiva não se localiza somente no final da análise.

Perguntas

JAIRO GERBASE: Vamos organizar o recolhimento de questões. Em função do tempo, vamos recolher duas questões, porque Colette Soler prefere responder logo, e cada um tem direito a uma só questão, correto?

ANTONIO GODINO CABAS: Sim, eu gostaria de lhe colocar uma questão: sobre o que envolve o exemplo de Lacan como destituição subjetiva, a Senhora apresentou Lacan como alguém

que sabe que está sendo negociado, que frisa sua nota cômica e que depois prossegue em seus ensinamentos, em sua via, sem se queixar, sem reclamar, ele segue um desejo, e a Senhora nos fez ver, nesse exemplo, um desejo duro, mais duro do que ele, mas, paradoxalmente, eu vejo nisso um sujeito, nessa voz que diz sim, que consente e que se pretende ele próprio instrumento desse trabalho que ele prossegue, nos coloca então um paradoxo sobre o alcance dessa destituição subjetiva. Que tipo de *Ich*, que tipo de eu, que tipo de sujeito, já que seria preciso ao menos um sujeito que consentisse, um sujeito de consentimento?

Colette Soler: Sim, é certo que, na idéia de Lacan, o sujeito destituído, do fim da análise, é o sujeito decidido, como se a divisão não estivesse mais ali, é a mesma coisa. Sua observação me lembrou que eu esqueci de dizer alguma coisa sobre o entusiasmo. O sujeito destituído que se sabe objeto, nem por isso deixa de ser sujeito no entanto. É um outro estado de sujeito, senão não se chamaria sujeito destituído. Não é o muçulmano dos campos, que, no fundo, passou dos limites de alguma forma. É por isso que se evocam os afetos e os efeitos — sujeito da destituição. Didier Castanet nos colocou esta manhã essa questão do entusiasmo. O que me surpreendeu, o que me chocou é que no *Guerreiro aplicado*, na primeira página, quando o jovem homem chega no *front* e ele acha que ali ele vai encontrar a guerra, ele procura falar de seu estado e diz alguma coisa como um entusiasmo, e esse é um termo que tem um grande uso religioso também, quer dizer, quando se é ultrapassado pelo Outro; e é o mesmo termo que Lacan reencontra na *Carta aos Italianos*, não para dizer que é o afeto de destituição, mas para dizer que talvez haja alguns que tenham sido tomados pelo entusiasmo por terem ultrapassado o horror do saber. Isso vai no mesmo sentido de sua pergunta, quando eu falo no sujeito destituído do fim da análise, resta um sujeito. É por isso que eu enumerei as três etapas: o sujeito suturado, o sujeito posto em questão, indeterminado, e o sujeito determinado na destituição. Mas, no caso de Lacan, é ainda mais complicado, porque, como eu disse, o fato de se saber negociado não passou pela análise, é uma destituição que se passa no discurso, digamos, do mestre, discurso comum, e ele continua em seu eixo, ao lado, pode-se perguntar se isso é um efeito de sua própria análise, ou se é porque era ele.

X: Eu gostaria de saber, quanto a essa questão da destituição do sujeito ao termo absoluto, eu pensei em Bataille, no erotismo

de Bataille e no filme *O Império dos Sentidos*, a coisa que leva até à morte, que tem uma aparência fálica em certos momentos, mas o limite é a negatividade absoluta, como a Senhora não mencionou o termo morte, mas creio que seja um elemento importante nesse discurso.

COLETTE SOLER: Sim, concordo completamente. Georges Bataille é um autor do qual tenho a impressão de não conhecer suficientemente e por isso não falo nunca dele. Sim, haveria certamente muito a dizer sobre o erotismo, sobre a pornografia, que não são exatamente a mesma coisa, e não é fácil passar a linha divisória entre o que é fálico e o que está além do fálico ou aquém; também não falei de assassinatos. Enfim, vê-se que a destituição do fim de análise ainda continua no simbólico. Bataille, creio que Lacan também pensava que era um pouco uma certa encenação, tal como ele fala do masoquista, quer dizer que tudo que é cenário construído pelo sujeito, cenário, roteiro, pode-se perguntar se não se trata ali de uma estratégia antidestituição. Lacan afirma isso claramente para Sacher-Masoch. Para Bataille, fica mais difícil.

Y: Bem, a minha pergunta é sobre a destituição na ciência. Ciência e filosofia conversam muito bem, já diria Wittgenstein que a filosofia não serve para nada, ou teria o papel terapêutico de mudar o ponto de vista sobre alguma coisa e depois se retirar. Uma grande altercação entre ciência e psicanálise teve vez no livro *Imposturas Intelectuais*, de Alain Sokal e Jean Bruckman. Eu sinto que é porque diferentemente da filosofia, que ao se dar conta da ciência também teoriza a ciência...

COLETTE SOLER: Quem?

Y: A filosofia também teoriza a ciência, bom, mas o número imaginário de Lacan, a raiz de –1, fica isolado, na teoria psicanalítica.

COLETTE SOLER: De onde o senhor tirou isso, que a raiz de –1 fica isolada na psicanálise, vem de onde essa idéia?

Y: Não, eu estou colocando a pergunta, construindo, é que ela está isolada, assim, ela não se dá conta das outras ciências. É o que eu vou terminar aqui de dizer. Nos meus estudos, eu até poderia ter achado absurdo como Lacan usou o número imaginário da raiz do –1, apresentando-o como o falo ou a falta. Bom, mas ao estudar a Teoria da Informação, de Norbert

Viner, vi onde a possibilidade disso poderia dar-se, por que então a psicanálise não poderia também teorizar, servindo-se das ciências e não enjaulando, como faz a filosofia?

Helena Bicalho: O que eu te pergunto é até que ponto a mudança do conceito de real no ensino de Lacan mudaria o estatuto do conceito de destituição subjetiva?

Antonio Quinet: Eu queria voltar à questão da destituição subjetiva na análise, ou seja, referindo-me à conferência da manhã. Tomando a expressão que é o próprio tema do seminário das "Variantes da destituição subjetiva", eu queria que a Senhora pudesse falar mais um pouco sobre essas variantes na análise e se essas variantes se referem mais às modalidades do "objeto a" ou — é claro que cada caso vai ser um caso —, se nós poderíamos pensar na própria análise para aquilo que a Senhora falou relativo ao pós-passe, ou seja, que a destituição subjetiva não vem de uma vez por todas. Essa frase se aplica também na análise ou só no pós-passe? Ou seja, a destituição subjetiva pode ser pensada como momentos de ultrapassamento na própria análise que não sejam exatamente o final. Mas que existiria um final que implicaria em uma escolha ética e em um ato do sujeito. E mais uma questão: se quando Lacan diz "estou sempre passando o passe", você interpretou que é retomar a posição analisante, isso se aplica apenas para o analista pós-passe, de tomar apenas a posição de ensinante, ou essa postura, que eu diria ética, estar sempre fazendo o passe, que significaria retomar a posição analisante, não tem conseqüências na Escola de Psicanálise. Vou resumir essa parte final. Quais as variáveis que podem haver relativas, no pós-passe, a continuar fazendo o passe?

Vera Pollo: Eu queria fazer duas perguntas, uma primeira sobre a questão do gozo do sentido, que não é necessariamente ligada ao sem sentido da vida, mas ao próprio imaginário, do sentido paranóico, "paranoizante", e se a gente poderia dizer que é angustiante mas não destituinte do sujeito. As interpretações paranóicas de um modo geral. E uma outra pergunta a respeito do gozo do Outro, que eu acho que você deixou bem claro, as destituições pelo gozo, não necessariamente na análise, no sexo, enfim, mas se a gente poderia pensar que a destituição que se processa na análise, que ela propiciaria esse gozo do Outro.

Colette Soler: Não posso responder à questão sobre a filosofia porque era um desenvolvimento, penso que a psicanálise não

é nem uma filosofia, nem uma ciência. Que ela tem um laço com os dois, mais com a ciência do que com a filosofia, mas, enfim, isso seria toda uma tese. A questão de Helena Bicalho, se a definição de real no nó borromeano muda a definição de destituição subjetiva: eu penso que isso estava implicado em minha exposição, porque, durante um tempo, Lacan definiu o real em função do simbólico. É o que se faz cada vez que se diz que o real é o impossível, o impossível de formular, é um real que é colocado no simbólico, e ainda, em muitos textos, fala-se do que vale pelo real, não é como o real descrito como o real fora do simbólico do nó borromeano. Não haveria inconveniente em dizer que, na definição da destituição subjetiva, o sujeito se aproxima de uma percepção do que ele é no real, no que ele é de mais real. Já não é mais o real fora do simbólico. E quando eu digo o real, é o que destitui radicalmente, não é a mesma coisa em termos de efeito.

Eu passo a variantes da destituição. Vou responder com uma analogia. Poderíamos falar das variantes do início da análise. Desde que há um algoritmo de início ou saída, pode-se, em cada caso, um a um, tentar definir a configuração singular da colocação em ato, encarnação do algoritimo. Isso é muito cômodo, isso nos dispensa de estudar as variantes, o que poderíamos estudar, as variantes da destituição histérica, da destituição obsessiva, da destituição homem/mulher. Isso já poderia colocar: as variantes da destituição homem/mulher, isso seria fundado na medida em que o papel do objeto não é o mesmo na libido, digamos, masculina e feminina. Enfim, eu não fiquei tentada em fazer essa declinação clínica, o que que eu fiz? Eu fiz uma declinação de destituição segundo os discursos e segundo o real. Agora, será que há vários momentos de destituição, isso volta? E o que quer dizer "eu não paro de fazer o passe" que é uma expressão de Lacan? Na verdade, Lacan tem uma expressão de que eu gosto muito. Ele associa a destituição com o que ele chama um ponto de finitude. Evidentemente, é um pouco metafórico, de certo modo, não é topológico. O ponto de finitude quer dizer que há um circuito em alguma parte da elaboração, um circuito da palavra, da fala, que parte do algoritmo da transferência e que, se ele se desenvolver até seu termo, vai chegar ao ponto de finitude, que é o ponto de destituição. Apenas que, se recomeçarmos ou continuarmos a elaboração, vamos dar uma volta completa. Então, ponto de finitude, isso não exclui absolutamente que isso se repita em série. Bom, eu digo isso para aqueles que estivessem tentados em opor o Lacan do passe ao Lacan do nó borromeano para o fim da análise. Dizendo que o Lacan do

passe diz que tem um fim, e o Lacan do nó borromeano, que tem somente uma repetição em série. Acredito que isso não possa ser sustentado na realidade.

Então, sim, pode-se voltar ali sempre, voltar a esses momentos de passe e colocá-los em série. E, talvez, para que a conclusão final aconteça, é que é preciso que a experiência seja repetida muitas vezes. E então "eu não paro de fazer o passe" quer dizer eu não paro de elaborar. Toda elaboração conduz sempre ao ponto onde a elaboração é um impasse ou onde ela pára sobre um impasse. Sim, eu milito para que os analistas permaneçam analisantes. Isso não quer dizer, necessariamente, que eles têm que continuar a análise a vida inteira, mas que eles continuem a pensar um pouco sobre a sua experiência, e é isso que, no fundo, se chama analisante de Escola, é uma maneira de falar, continuar a pensar a experiência. Então eu passo à outra questão de Vera Pollo.

No início, parece que havia uma idéia de paranóia que eu não entendi, portanto vou deixar de lado. Mas quanto a saber se a análise abre para Outro gozo, se respondermos sim, isso quereria dizer que o real é programável, mas a experiência não vai nesse sentido também. Nunca vi um caso que fosse nesse sentido, que a análise abra a via de um Outro gozo. Tenho sobretudo a impressão, aí eu avanço cuidadosamente nesse sentido, tenho a impressão de que talvez haja uma predisposição subjetiva, que há posições subjetivas que fazem barragem ao Outro gozo, sem dúvida, que há defesas que o analista pode levantar, mas daí a falar de um acesso através da análise eu não sei.

Didier Castanet: Vou ser bem rápido e seria para voltar à questão de Antonio Quinet. Eu me coloco uma questão em relação à expressão: a solução na contrapsicanálise. Será que isso quer dizer que o ponto de finitude não foi atingido?

Colette Soler: Efetivamente, eu creio que desenvolvi isso, que quando Lacan falou da contrapsicanálise, o que ele visava era muito claro, eram análises que não encontravam seu ponto de conclusão, e o sujeito continua a dar a preferência em tudo ao simbólico, então era efetivamente uma forma de fazer compreender que a associação livre para sempre não era a solução. Depois podemos perguntar o que é que faz com que o sujeito não encontre a conclusão, vamos responder que é porque ele goza na articulação simbólica.

Traduzido por Dominique Tuchon Fingerman
Estabelecimento do texto: Maria Célia Delgado de Carvalho, Elisabeth Saporiti